

Fragmentos de Arte e História: Benjamin Leitor de Baudelaire

Antonio Basílio Novaes Thomaz de Menezes *

*"Le vrai visage de l'histoire s'éloigne
au galop. On ne retient le passé que comme
une image Qui, à l'instant où elle se
laisse reconnaître, jette une lueur qui
jamais ne se reverra".¹*

Resumo

Trata-se de um ensaio sobre a experiência do tempo em Walter Benjamin. A hipótese em questão tem por objeto a leitura de Baudelaire como elemento de sua construção filosófica. Trata da apropriação deste autor por Benjamin a partir dos elementos de circunscrição do quadro histórico do pensamento em torno da problematização da Modernidade, trazendo para o centro da discussão o diagnóstico do seu próprio tempo aliado à percepção da arte como um campo crítico.

O interesse de Benjamin pela figura de Baudelaire atravessou quase toda a sua obra desde 1914-1915, de quando datam as suas primeiras referências ao autor.² Em outubro de 1923, traduz "Tableaux Parisiens" e redige "La Tâche du Traducteur" como uma reação à interpretação de Stefan George. E em janeiro do ano seguinte, em cartas a Rang e Hofmannsthal³, Benjamin salienta o caráter paradoxal do estilo e da métrica baudelaireana que evoca o "barroco da banalidade" em "Les

* Professor do Departamento de Filosofia da UFRN

1. W. BENJAMIN — "Thésés sur la Philosophie de l'histoire". In: Oeuvres II. p. 279 - A forma ensaística deste trabalho constitui no seu conteúdo uma tentativa de articular a tematização de um Benjamin leitor de Baudelaire com aquilo que este objeto empresta à experimentação da hipótese da experiência do tempo enquanto um plano fundamental de leitura. Colocando frente à pergunta sobre o possível significado da apropriação de Baudelaire por Benjamin, este pequeno ensaio busca a sua resposta no horizonte aberto pela própria leitura a partir dos seus elementos constitutivos: a circunscrição do quadro histórico do pensamento no campo de problematização da Modernidade, o compromisso com o diagnóstico do seu próprio tempo e a percepção da arte como um campo crítico; aspectos que por si só são relevantes para a compreensão de Benjamin.

2. LACOSTE "Preface". In: Charles Baudelaire. Un Poète Lyrique à L'apogée du Capitalisme; p. 6.

3. BENJAMIN. Cartas a Florens Christian Rang e a Hofmannsthal (janeiro 1924). In: Correspondance, vol. I, pp 301-307.

fleurs du mal". A essa época estava em preparação "A Origem do Drama Barroco Alemão" (*Trauerspiel*) publicado em 1928.⁴

Um lapso de quase dez anos se estabelece entre as primeiras referências e transformação de Baudelaire no centro das preocupações de Benjamin, a partir de um projeto de trabalho sobre o século XIX - "Les Passages" - provavelmente gestado em torno de 1922. Assim, em 1935, Baudelaire é assimilado à figura do "Flaneur" em "Paris, capital du XIX éme Siècle"⁵, analisado por Benjamin à luz da Modernidade através do confronto entre "imagem dialética" e "imagem arcaica" enquanto crítica à "ossatura facista" da interpretação psicológica.⁶

Entre as cartas e ensaios que tratam do autor, há o projeto inconcluso de um livro: "Charles Baudelaire, un poète lyrique à l'apogée du capitalisme", cuja divisão das partes (Idéia e Imagem, Antiguidade e Modernidade, O Novo e o Retorno do Mesmo), além de pretender-se um pequeno modelo do livro sobre as "Passages"⁷, assinala o eixo de análise condutor da leitura benjaminiana. De tal modo que, a experiência da fratura do projeto inicial em alguns ensaios temáticos - "Le Paris du second empire chez Baudelaire" (1938), "Sur quelques thèmes Baudelaire" (1939), "Zentralpark Fragments sur Baudelaire" (1940) - espelha a leitura que Benjamin faz de Baudelaire na forma de um mosaico construído; de um lado, pela própria fragmentação da Modernidade nas dimensões da arte e da história; e de outro, pela composição da tradição judaica com o materialismo histórico numa mesma perspectiva de análise.

Assim, a figura de Baudelaire na obra de Benjamin pontua a relação entre arte e história em termos do que se poderia caracterizar como a hipótese central da "*experiência do tempo*" enquanto uma dimensão ontológica constitutiva do quadro histórico no qual Baudelaire é apenas uma personagem. A "*experiência do tempo*" constitui o núcleo do mosaico da interpretação benjaminiana no qual se encontram a tradição judaica e o materialismo histórico no plano de compreensão da dimensão histórica e da percepção da arte na Modernidade, considerado a partir da própria perspectiva de fragmentação.

I. A análise de um Baudelaire colocado sob a ótica da indissociável relação entre arte e história aparece em Benjamin explicitado em diferentes momentos da sua obra, mas especialmente pontuada de

4. op. cit. p.7

5. BENJAMIN. Oeuvres, vol. II, pp.123-138

6. BENJAMIN. Carta a F. Lieb (9/7/37). In: Correspondance, vol. II; pp. 223-225

7. BENJAMIN. Carta a Horkheimer (16/4/38). In: op. cit.; pp. 239-243

uma forma clara em algumas baudelairianos e as teses sobre a história⁸, a concepção de história como o lugar do eterno retorno do mesmo, sempre renovada na imagem vingadora do "insurgê"⁹; e aquilo que define a figura de Baudelaire a partir do seu próprio quadro histórico, "a significação completamente excepcional" de quem apreendeu a força produtiva do homem alienado, a reconheceu e pela reificação lhe deu mais força¹⁰

Ampliada no seu quadro de análise a interpretação da obra baudelairiana revela nas suas matrizes a relação de Benjamin com a literatura sob os aspectos da mediação da tradição judaica e da apropriação tardia do materialismo histórico. Reúnem-se aqui num mesmo horizonte os diferentes registros da escrita, do tempo e da história que constituem o seu eixo de análise. E, do mesmo modo, estruturam-se os diversos aspectos do seu quadro de leitura nos planos convergentes da perspectiva histórica, da crítica da Modernidade e da experiência estética.

Sob o registro da escrita encontram-se os aspectos narrativos e da expressão artística que se projetam no plano da compreensão histórica, através da percepção do hebraico como o veículo de uma identidade oculta e da escrita como uma alegoria que só pode ser decifrada corretamente de trás para frente.¹¹ Situada no âmbito da escrita, a vida se caracteriza como uma narrativa que se estabelece a partir do movimento para trás da memória. Ao passo que, sob o aspecto da expressão artística, a escrita assimila a primazia da linguagem sobre o ser como a afirmação simultânea do texto e do seu poder de revelação.

À linguagem se coloca então a questão da escrita da história; ou "o que é contar uma história, histórias, a História?"¹²; quando a palavra em Benjamin circunscreve a estrutura da "*Halacha*" (palavra originária fundamental) e do "*Hagada*" (comentários que lembram e atualizam a "*Halacha*") dentro de um quadro de compreensão da "desagregação da tradição e do desaparecimento do sentido primordial"¹³. A narração

8. BENJAMIN. Cartas a Adorno (7/5/40). In: op. cit.; pp. 325-326.

9. "Insurgê", nas palavras de Benjamin: "representa sem reserva a mais terrível das acusações trazidas contra uma sociedade que lança ao céu como uma projeção dela mesma esta imagem do cosmo" (carta à Horkheimer, 6/1/38. In: op. cit.; pp. 231-233).

10. BENJAMIN. Carta à Horkheimer (16/4/38). In: op. cit.; pp 239-243.

11. ALTER. Anjos Necessários. Tradição e Modernidade em Kafka, Benjamin e Scholem; p.131.

12. GAGNEBIN. Walter Benjamin ou a história aberta. In: Obras Escolhidas, vol. I, p.7.

13. cf. BENJAMIN. Carta a Scholem em que crítica a interpretação de Kafka por Max Brood. Apud. op. cit. , pp.16-17.

corresponde à história ("*Geschichte*"), o processo de desenvolvimento da realidade no tempo como o seu estudo ou um relato qualquer cujo caráter de não acabamento essencial, no qual a estrutura do próprio relato chama ou suscita novos textos, constitui uma dinâmica ilimitada da memória. A história como uma narrativa aberta traz consigo a idéia de fragmento, da não existência da totalidade de sentidos mas apenas de trechos esparsos que falam do fim da univocidade da palavra e do sujeito no horizonte da ameaça de destruição, esperança e possibilidade de novas significações. A imagem do "Angelus Novus" de Paul Klee que Benjamin descreve como o anjo da história¹⁴.

De outro modo, sob o registro do tempo, encontra-se o aspecto da "fascinação pelo passado"¹⁵ que norteia a crítica da Modernidade no quadro da leitura de Baudelaire, a partir de um modelo de organização da temporalidade implícita à compreensão da tradição judaica. A compreensão do passado se refere à dinâmica na qual ele se desenvolve até o presente, ou seja, a representação de um caminho que se volta para as origens mais arcaicas e cujo "o alvo é a origem"¹⁶ dentro de uma perspectiva circular da negatividade dialética. Negação da negação repetindo-se indefinidamente no tempo, sob esta perspectiva "tudo se originaria no momento fulgurante da revelação que se reproduz ao longo do tempo através dos diversos reflexos e refrações da exegese".¹⁷

A tensão entre o passado e o futuro descreve a experiência do tempo no plano da especulação do devir histórico enquanto uma tentativa de reconciliar a idéia do futuro com sua fixação pelo passado. Eis, então, o tempo concebido como lapso, estendido entre dois pólos, capaz de revelar no passado os germes de uma outra história, de um outro conceito de tempo: o "agora" (*Jetztzeit*), constituído no âmbito de uma experiência (*Erfahrung*) que reatualiza o passado através do presente como uma potência da verdade. Assim, a experiência do tempo é a experiência do fragmento naquilo que lhe dá sentido ou se revela de modo latente enquanto algo emudecido, o qual reside no próprio fragmento como uma força histórica que se reatualiza no quadro presente na forma de uma evocação do que ficou esquecido no tempo mas permanece aberto ao futuro.

14. BENJAMIN. "Thèses sur la philosophie de l'histoire". In: Oeuvres, vol. II, p.281

15. ALTER. Anjos Necessários. Tradição e Modernidade em Kafka, Benjamin e Scholem, p. 132

16. KARL KRAUS "Paroles Invers, I". APUD Benjamin. "Thèses sur la philosophie de l'histoire". In: Oeuvres, vol. II, p.285.

17. ALTER. Anjos Necessários. Tradição e Modernidade em Kafka, Benjamin e Scholem, p. 133

Por fim, é sob o registro da história - de uma história concebida como ruínas - que se encontra o aspecto da compreensão estética da experiência da fragmentação no quadro da leitura de Baudelaire. A este aspecto corresponde a perspectiva de enfraquecimento e distribuição da "experiência" (*Erfahrung*) frente à "vivência" (*Erlebnis*) do indivíduo solitário no mundo capitalista moderno, paralelo à reflexão da necessidade da sua reconstrução como memória, malgrado a desagregação e o esfacelamento social.

A "vivência" (*Erlebnis*), situada no quadro da degradação da "experiência" (*Erfahrung*) como uma forma da memória, despida do caráter unísono da palavra e de um princípio comum, descreve o processo histórico de fragmentação que configura a perda da dimensão aurática da obra de arte na Modernidade. Compreendida no horizonte do desenvolvimento histórico da sociedade burguesa, a "vivência" - tal como Benjamin assinala em Proust¹⁸ - introduz o infinito na dimensão existencial indivíduo burguês sob o aspecto de uma "memória voluntária" que lhe dá informações sobre um passado que nada conserva. Isto é, um "passado [que] está fora do seu poder, em qualquer objeto material (ou na sensação que tal objeto provoca em nós) que ignoramos qual possa ser", cuja possibilidade de encontrá-lo e assenhorar-se da sua própria experiência depende apenas do acaso. De tal modo que, é nos domínios de um sujeito burguês que a "vivência" desloca o conteúdo da "experiência" sob a forma das analogias e semelhanças entre passado e presente, na medida em que ela representa a perda da dimensão mais original do tempo no plano da memória.

A história, como um evento dinâmico da revelação, é um desafio constante à elaboração do seu significado, através de um processo contínuo de interpretação pelas gerações; ela delinea a experiência estética como um instrumento criado pela cultura, enquanto memória daquilo que está oculto no ventre do tempo e concebe a força revelatória do passado como a fluorescência da aura¹⁹. Assim, é sob os registros das ruínas históricas, de uma dimensão implícita da memória na experiência concreta, que a leitura da experiência estética se faz através do fragmento, naquilo que superpõe as condições gerais de compreensão da obra à percepção fundamental do seu próprio tempo. Ou ainda, no caso específico da leitura de Baudelaire, o privilégio do fragmento frente à totalidade no quadro atual do desenvolvimento simultâneo à perspectiva histórica de resgate do passado no momento presente enquanto fragmento.

18. BENJAMIN. "Sur quelques thèmes baudelairiens". In: Oeuvres, vol. II, pp.225-276.

19. Cf. ALTER. Anjos Necessários. Tradição e Modernidade em Kafka, Benjamin e Scholem.

II. Delineado na exposição dos seus diferentes registros, a partir dos respectivos eixos de leitura, o quadro da análise crítica de Baudelaire articula-se em torno da idéia de fragmento, revelada sob a perspectiva do método "alegórico-fragmentário" empregado por Benjamin na compreensão da obra de arte. É sob a tríade da "reprodução", da "rememoração" e da "imagem dialética" que Benjamin estabelece o método como horizonte de apresentação da obra de arte a partir da relação entre fragmento e verdade.

Através das ruínas e dos fragmentos é que o método "alegórico-fragmentário" faz da crítica da tradição o remetimento a uma outra tradição ou uma história ainda irrealizada que pode vir a ser. A redenção corresponde à possibilidade de realização na atualidade daquilo que foi recusado no passado, do mesmo modo que a rememoração indica a reutilização do passado na experiência presente. Sendo que ambos, reunidos na forma de apresentação da obra de arte, concorrem para a compreensão da "imagem dialética" como a tensão imanente na dimensão temporal da obra que conjura até a sua significação histórica, despojada do seu significado "natural" através de uma leitura alegórica.

Compreendida a partir da relação entre fragmento e verdade, a obra de arte transpõe para o plano dos fragmentos a perspectiva dos traços simbólicos que possibilita à exposição (*darstellung*) o duplo aspecto, do recolhimento da expressão tanto quanto da preservação da inexpressável da idéia. Assim, é a partir do quadro da temporalidade, que a análise de Baudelaire se coloca sob o duplo eixo da circunscrição da alegoria e da memória, de um lado, onde são salientadas as rupturas e continuidades do texto baudelaireano, a exemplo de "Les fleurs du mal", e da expressão e crítica do seu tempo, de outro, onde se estabelece a crítica da Modernidade a partir da sua própria atualidade, a exemplo do "Le spleen de Paris".

A estrutura do quadro de compreensão da obra de Baudelaire feito por Benjamin apresenta os aspectos interrelacionados da perspectiva histórica, da crítica da Modernidade e da experiência estética, as quais desenhadas no plano da temporalidade apontam para a dimensão fundamental da experiência do tempo. Em termos gerais, a perspectiva histórica das ruínas de um progresso inabalável e irreversível se associa à dimensão crítica da Modernidade naquilo que caracteriza o seu reflexo no plano do desenvolvimento social, no qual a experiência estética aparece relacionada às suas formas de expressão e percepção, a partir da sua própria temporalidade.

Assim, através dos óculos de Benjamin se pode ver a arte mergulhada nas misérias das metrópoles modernas, observando os homens despersonalizados numa massa anônima, evocando valores de um modo de vida passado enquanto arrasta consigo o seu produto artístico transformado em mercadorias. Isto é, a imagem fragmentada de um Baudelaire que aparece no horizonte de uma leitura cujo quadro de análise se constrói a partir de cada aspecto específico.

Sob o aspecto da perspectiva histórica, o quadro da leitura de Benjamin esboça um Baudelaire que emerge na "Paris do Segundo Império", no contexto das agitações políticas na segunda metade do século XIX. A idéia de progresso e as profundas transformações no quadro social emolduram a sua expressão, o retrato do seu próprio tempo.

Face aos conflitos que se colocam à época aparece o perfil contraditório do "*Flaneur*" que, observador, também se insurge; com a atitude radical do detetive que com seu calculismo atravessa a "fantasmagoria da vida parisiense" seguindo a pista que o conduzirá a um crime: "a supressão do indivíduo na cidade grande". À luz do próprio Benjamin: "a nossa era tece o véu flutuante do qual Baudelaire via Paris", na medida em que a percepção da Modernidade aparece como um relevo impresso no plano da atualidade da consciência histórica que se encontra diluída na dimensão do mecanismo social.

Ao modelar sua imagem a partir da "imagem do herói", Baudelaire reproduz, através dos artifícios da prosódia, os infortúnios aos quais está exposto e as centenas de formas que utiliza para aparar os seus golpes. Sua figura guarda a ambigüidade de um princípio de criação que protege eficazmente os interesses sociais de uma ordem que lhe é hostil. Voltando-se contra a degeneração da arte, ao mesmo tempo em que é apanhado pelo esquema da mercadoria ao transformar a própria imagem num vínculo publicitário. Salienta Benjamin, a "demissão já se encontra em germe na nação do herói moderno".

Baudelaire rende homenagem à precariedade e à ausência de esperança no futuro ao negar o horizonte histórico à consciência da Modernidade, que traz impressa no rosto "o signo de Caim". Ele espreita "o espetáculo da vida elegante e dos milhares de existências incertas que circulam nos subterrâneos de uma cidade", observando tudo a partir de uma perspectiva a-temporal do passado, procurando em meio da turba o seu refúgio longe da multidão. No lugar da mão, o herói e o indivíduo solitário, e a "Modernidade revela-lhe ser uma fatalidade que pesa sobre ele". Assim, a ambigüidade da figura do herói como "verdadeiro sujeito da Modernidade" marca a superposição por Benjamin dos quadros de

interpretação de Baudelaire e da Modernidade nos aspectos da concepção histórica, da continuidade e descontinuidade, bem como também da idéia de progresso; todos elementos fundamentais do horizonte da reflexão sobre o espelhamento da atualidade do quadro social na obra de Baudelaire.

É sob o quadro da temporalidade histórica então que Benjamin analisa Baudelaire a partir das concepções de descontinuidade e presença do passado no presente. O pressuposto de uma história universal contínua constitui o horizonte crítico a que Benjamin se dirige na busca do descontínuo ou dos momentos fora do tempo prescrito pelo historicismo. Nas palavras de Benjamin: "a história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas aquele que está cheio de "agoras" (*Jetztzeit*).

O "agora" é a ação do sujeito da história a partir da possibilidade da sua presença no tempo homogêneo e vazio. Seu objetivo, parar o curso do tempo positivamente dado, encontrar a presença de um outro tempo o qual se situa em cada momento de uma tradição contínua. Assim, é sob o quadro de apresentação dos instantes descontínuos do passado; daquilo que permite observar a mudança qualitativa no sentido de um "*perpetuum mobile*" da história positivamente dada, que a figura ambígua de Baudelaire aparece superposta à Modernidade, enquanto sujeito histórico caracterizado na dimensão descontínua de apreensão do momento no plano da ruptura e contraposição da Modernidade com relação à tradição.

A significação histórica da obra corresponde à manifestação do tempo presente e do conhecimento no momento do seu nascimento, o qual inscreve uma via de transmissão até a posteridade. Isto é, a obra só torna-se historicamente compreensível porque ela tem uma vida póstuma. E é através dessas lentes então que Benjamin lê Baudelaire, a partir da identidade entre vida póstuma e compreensibilidade, a qual revela o sentido baudelairiano de "dar uma forma à Modernidade".

De outro modo, a contraposição àquilo que se poderia considerar como uma certa "ideologia do progresso" também serve de eixo de leitura e aproximação entre Benjamin e Baudelaire no plano de compreensão da temporalidade. A hostilidade alimentada por Benjamin em relação ao passado já se anuncia em 1914 quando este se volta contra a "informe tendência progressista" na qual a concepção linear da história "discerne apenas o ritmo mais ou menos rápido segundo o qual homens e épocas avançam sobre a via do progresso". Assim, é sob o signo da crítica ao progresso que Benjamin examina em "*Zentralpark*" e nas "*Passage Werke*" aquilo que nas palavras de Baudelaire é uma "idéia grotesca, que floresceu sobre o terreno pobre da factualidade moderna".

A raiva de Baudelaire não é senão aquela de uma heresia ou de um erro doutrinário que em nada contribui para dimensionar seriamente a noção de progresso, sobretudo porque ela persegue a "fé no progresso" e sua hostilidade resulta de um distanciamento crítico do sujeito a partir da tédia

Sob o aspecto da crítica da Modernidade, o quadro de leitura de Benjamin ressalta a compreensão da experiência histórica em Baudelaire, ou seja, aquilo que clarifica o seu personagem sob a perspectiva insurreta presente na sua obra, da apropriação lírica em "Les fleurs du mal" à prosa corrosiva do "Le spleen de Paris". Voltado para este aspecto, é a partir de uma Modernidade cuja história se isola da experiência e não existe senão para uma coletividade humana de não-homens, que ele coloca então a questão das condições do conhecimento e da formação singular da experiência na era das máquinas. Donde advém o interesse pelo sensorium de Baudelaire, dirigido aos modos de percepção e da experiência, os quais convergem para a constelação única de um período histórico, onde se dá a dramática transformação de Paris numa cidade grande e a experiência do "*choc*" torna-se cotidiana ao mesmo tempo que uma certa percepção aurática ainda subsiste ou pode ser reativada como uma "ante-imagem" (*Nachbild*).

O Baudelaire de Benjamin descreve a perspectiva burguesa de uma revolta descarregada simultaneamente em violentos atos anarquistas e nas experiências de "despotencialização do homem" na existência da massa. A "revolta", produto da introspecção, alia-se à percepção fragmentada do tempo e à auto-alienação de si, dando à rebelião a figura de uma "cólera bruta" que se traduz na atitude do herói.

Ao "dar uma forma à Modernidade" e tornar possível a sua experiência, Baudelaire transformou alegoricamente - através da perspectiva do herói - as mais íntimas experiências do século XIX em lembranças. A experiência alegórica revela, para Benjamin, uma intenção que corresponde ao fetichismo da mercadoria, na medida em que a própria alegria apresenta a forma de intuição e o teor social da mercadoria. De tal modo que, Baudelaire livra o cadáver secular da história do tesouro de acessórios barrocos e a erige na forma da experiência histórica que transforma por si mesma o mundo em lembranças. A alegoria fornece o "aparelho da destruição" e sua "féria destrutiva" assegura o "exorcismo da aparência" da ordem, da totalidade e do orgânico.

De outro modo, a circunscrição de Baudelaire por Benjamin nas denúncias do declínio da experiência (*Erfahrung*) no mundo moderno, se dá a partir de uma idéia antiga que consubstancia no "*Programme de*

la philosophie qui vient" (1918): a idéia de que o advento da Modernidade produz uma degradação ou perda da *Erfahrung* tomada a partir do "caráter medievo e raso da experiência" tanto no Iluminismo como no conjunto dos tempos modernos. A esta idéia, então, se relaciona o interesse de Benjamin por Baudelaire sob os aspectos distintivos da memória e da lembrança, da experiência e da vivência, ambos submetidos à ótica das "donos" do progresso, no horizonte daquilo que Benjamin tão bem ilustra com a alegoria do autômato ou a percepção desesperadora do homem que perdeu a experiência e a memória na mecânica uniforme, vazia e repetitiva da vida na sociedade industrial.

A experiência perdida que Benjamin procura encontra-a a plano da rememoração em Baudelaire como uma experiência desaparecida na civilização moderna. Em "Sur quelques thèmes baudelairiens" a *Erfahrung* é definida como:

A experiência pertencente à ordem da tradição, na vida coletiva como na vida privada. [a qual] Ela se constitui menos de dados isolados, rigorosamente fixados pela memória, do que de dados, freqüentemente inconscientes, os quais se juntam nela.

Assim, na figura diáfana de um Baudelaire dividido entre a dimensão da *Erfahrung* dos fragmentos disjuntos que reúne às mãos uma verdadeira "experiência histórica" - e na dimensão do *Erlebnis* - daquilo que se parece com as "plumas da experiência" - a hermenêutica benjaminiana descobre o caráter evocativo da sua poesia como uma forma sutil de resistência à devastação do progresso.

É a partir do caráter evocativo da memória, daquilo que assimila à "rememoração" enquanto impotência de transformar o mundo, liberar os indivíduos da condição de autômato e restituir à experiência antiga a chave para a emancipação futura, que Benjamin encontra a dimensão da *Erfahrung* no centro das "correspondências" em Baudelaire: "as correspondências são os dados da rememoração (...) é passado que murmura e sua experiência canônica tem seu lugar ela mesma numa vida anterior". As "correspondências" reportam à experiência perdida (*Erfahrung*) como também à aposição radical da catástrofe moderna na medida em que, nas palavras de Benjamin:

O essencial é que as correspondências contenham uma concepção de experiência que dê lugar aos elementos culturais. Foi preciso que Baudelaire se apropriasse desses elementos para medir plenamente o que significa a catástrofe da qual ele mesmo era, enquanto homem moderno, a testemunha".

Por fim, o quadro da leitura de Benjamin destaca o aspecto da experiência estética sob a perspectiva do artista Baudelaire que se coloca à expressão do seu próprio tempo no nível daquilo que o constitui como tal. De modo que é a partir da ótica da compreensão estética que Benjamin articula sobre o plano da experiência os aspectos da alegoria, do "choc", da desintegração do conteúdo da experiência e do desenvolvimento técnico em torno da unicidade espaço-temporal que se revela dentro do contexto de fragmentação da sociedade moderna.

A experiência estética em Baudelaire demarca o espaço da experiência da cidade grande, através do signo da fugacidade da moda e do entusiasmo da época por um novo ritmo de vida. Ela descreve a experiência temporal da Modernidade no ritmo acelerado dos fluxos e influxos da cidade cujas consequências lhe são atestadas de forma penetrante nos seus poemas. Baudelaire responde a uma necessidade muito propalada de sensação.

À experiência estética se articulam aquelas da alegoria, do tempo das máquinas e da temporalidade. E à renovação da estrutura da experiência estética em Baudelaire apresenta-se o substrato da transformação do mundo no universo da mercadoria.

Nas palavras de Benjamin: "a depreciação do mundo das coisas na alegoria é atravessada pela mercadoria no mundo das coisas em si mesmo". Situada na dimensão da vida social, a alegoria descreve a decomposição do ser objetivo do mundo pelo olhar maníaco de Baudelaire entre a significação da mercadoria relação valor de troca e de uso - e a dissolução da coisa sensível concreta sob o caráter publicitário da bela aparência ou da sensação que se encontra dissolvida na esfera de circulação da mercadoria.

O ritmo da cidade grande moderna obriga os indivíduos a organizarem diferentemente a percepção. A consciência, como uma proteção aos estímulos e à sobrecarga do aparelho sensitivo submetida ao "choc" repetido das impressões, funciona de tal modo que transforma a "experiência" (*Erfahrung*) em "vivências" (*Erlebnis*). Uma transformação deste tipo descreve a desintegração do conteúdo da experiência na medida em que a memória não retém a significação do passado, senão como um

acontecimento da vida ordinária: as quê, como, e quando, registradas pela consciência no ritmo cadenciado e multifacetado da grande cidade. A desqualificação "infernai" do tempo menos seqüência infinita de instantes assinala a representação moderna do tempo, que Benjamin já encontra implícito em Proust, numa observação a propósito de Baudelaire: "o mundo de Baudelaire é um estranho seccionamento do tempo". O tempo "homogêneo e vazio" simbolizado pela agulha do relógio avança e dita o ritmo racionalizado do trabalho, esvaziando o esforço das experiências próprias ou o *continuum* repleto do sentido de um dia específico, ou ainda, de uma fase da vida. Ele constitui a divisão inumerável e uniforme de instantes expressa pelo vazio dos gastos repetidos dos operários trabalhando nas máquinas. À reorientação da estrutura subjetiva da percepção corresponde um quadro de desenvolvimento técnico que reflete no âmbito da reprodução a perda da "aura" ou da unicidade da obra de arte na dimensão espaço-temporal. A obra de arte não pode mais habitar os lugares que antes ocupava soberanamente. Liberta da tradição abre novas dimensões da experiência, e entre aquela individual e a outra coletiva, numa nova relação, exprime a importância crescente das massas. A unicidade espaço-temporal desaparece objetiva e subjetivamente em meio aos fenômenos de massa e à individualidade única na esfera das determinações qualitativas e quantitativas deslocadas da experiência com a perda da contemplação que descreve o fenômeno do "*choc*" no meio técnico.

A perspectiva da experiência moderna destaca o caráter da unicidade do fragmento que Benjamin identifica em Baudelaire a partir da oposição entre o moderno e o antigo; e do novo ao eterno retorno do mesmo. Nas palavras de Benjamin: "o estilo moderno aparece com o mal-entendido que permite transformar a Modernidade". Assim, uma imagem dialética fulgura na obra de Baudelaire ao conservar a imagem do passado no instante atual de um "agora" que se abre à possibilidade do conhecimento e cuja "redução" cumpre-se apenas pela "percepção daquilo que se perde sem salvação possível". Benjamin procura reencontrar a totalidade perdida da experiência no curso do *continuum* decadente da história, a partir da perspectiva de um anjo clarividente que percebe no encadeamento dos acontecimentos o desastre da via histórica que não foi salva até aqui.

III. A determinação de um quadro de leitura que reúne em Baudelaire os registros da perspectiva histórica, da crítica da Modernidade e da experiência estética, ressalta em Benjamin a hipótese fundamental da experiência do tempo como a dimensão ontológica que estrutura o plano histórico, articulando a experiência estética à crítica radial

da Modernidade em torno da idéia de fragmento. Situada no quadro crítico da fragmentação moderna, a experiência estética é a mesma do fragmento no plano da sua significação histórica, ou seja, o reconhecimento daquilo que permanece emudecido mas que guarda o poder da revelação mesmo oculta.

Ao significado do fragmento corresponde o quadro referencial da experiência do tempo, retomado no sentido puro da tradição - do tempo redimido através da rememoração do passado no presente - em paralelo a uma compreensão dialética da história voltada para o plano da negatividade sob o aspecto da "redenção". Assim, a dimensão ontológica da história se articula sobre a experiência fundamental do tempo, enquanto aquilo que se encontra como a totalidade inscrita no próprio fragmento, presente na forma histórica da percepção moderna.

Através de Baudelaire, Benjamin faz uma "arqueologia do século XIX", dos modos de pensar e das representações constitutivas dessa época, a partir das quais ela mesma se explica. É no domínio da experiência do tempo que Benjamin tenta ilustrar concretamente a profunda distinção do século XIX com os precedentes. Baudelaire não é senão a expressão histórica desse momento; um ícone que recobre o plano da atualidade histórica, a partir de uma perspectiva dialética, e se revela nos contornos da sua negação.

Deste modo, sob o aspecto da atualização da apropriação lírica e da atitude de recusa frente ao progresso, encontra-se em Baudelaire a perspectiva da dialetização dos fatos históricos que destacam na atualidade do presente a dimensão esclarecedora das "estruturas mais íntimas do passado". Nas palavras do próprio Benjamin: "a construção dialética que faz sobressair o que nos concerne originalmente na experiência histórica por relação às constelações da facticidade". Assim, a História é uma história de fragmentos, não uma sucessão ascendente de épocas mas a sua interseção significativa com o "agora" na qual a arte constitui a expressão da dimensão ontológica da experiência do tempo.

Por fim, a hipótese da experiência do tempo revela a mentalidade de um Benjamin metafísico cuja mística e a doutrina da tradição judaica permanecem como um espectro de conceitos e símbolos. De tal modo que, a concepção de uma imagem dialética, situada no plano da negatividade histórica, aparece como um meio de intensificação e "redenção" do "já - foi" que presentifica no "agora" a dor e a esperança dos vencidos.

Abstract

The essay treats of temporal experience in Walter Benjamin. The view in question has as its object Benjamins reading of Baudelaire as an element of his philosophical construction. It deals with Benjamins treatment of this author based on elements for the circumscription of historical thought with respect to Modernity, focusing on the diagnosis of his own time linked to the perception of Art as a critical field.

Referências bibliográficas

1. BENJAMIN; Walter - Charles Baudelaire. *Un Poète Lyrique à L'apogée du Capitalisme* - Org. Jean Lacoste - Paris: Payot, 1983.
— Oeuvres, I - Mythe e Violence. Paris: Denoël, 1971.
— Oeuvres, II - Poésie et Révolution. Paris: Denoël, 1971.
— Correspondance. 1910-1940. Vols. 1 e 2. Paris: Aubier Montaigne, 1979.
2. GAGNEBIN; Jean - Marie - "Walter Benjamin ou a história aberta". In: Walter Benjamin - *Obras Escolhidas*. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense 1987.
3. BORDIN; Luigi - "Ética e Redenção em Walter Benjamin". In: *Ética*. org. Leda Miranda Hühne. Rio de Janeiro: Uapê, 1997.
4. ALTER; Robert - Anjos Necessários. *Tradição e Modernidade em Kafka, Benjamin e Scholem* - Rio de Janeiro: Imago, 1992.
5. WISMANN; Heinz - Walter Benjamin et Paris. *Coloque International* 27-29 Juin 1983. Paris: CERF, 1986.